

## Editorial

---

### *Editorial*

Este é um ano emblemático: 2022. Ano de possibilidades, resistência e luta. Ano de conquistas e profundos questionamentos sobre as bases materiais da sociedade contemporânea, principalmente no contexto da América Latina, região das veias abertas, como diria Eduardo Galeano. Neste ano, celebra-se o centenário da Semana de Arte Moderna, retomando tudo o que os Modernismos latino-americanos representaram para o campo das artes e das humanidades.

A Semana de 22, realizada em São Paulo, em fevereiro de 1922, trouxe em seu sentido fundamental a revisão crítica de estéticas e valores eurocentrados, questionando atitudes nacionalistas limitadas e excludentes. Em um movimento cíclico como o tempo espiralar da performance, os movimentos modernistas latino-americanos propuseram, por meio da revolução formal e linguística, bem como da sensibilidade estética, um questionamento de narrativas hegemônicas.

Segundo Alfredo Bosi, a poesia moderna abriu caminho caminhando, em alusão a Antonio Machado. Forjou caminhos no campo simbólico para que pudessem ser pensadas novas relações sociais, as quais seriam e serão inscritas por meio de processos revolucionários. Nesse sentido, o campo do ativismo, cerne do espírito dos movimentos artísticos modernistas, ganha corporeidade em performances culturais.

O tema do Dossiê deste número 41 da Revista Contexto: “Movimentos Modernistas na América Latina: arte, performance e ativismos” busca, para além de celebrar o centenário da Semana de 22, investigar o cenário artístico latino-americano em diálogo com as ideias modernistas, pensando, como diria Galeano, no potencial subversivo da memória, uma vez que, “na história dos homens, cada ato de destruição encontra sua resposta, cedo ou tarde, num ato de criação”.

Em um movimento complexo, que funde literatura, pintura, música, ensaística, revisões históricas, sociológicas, antropológicas e linguísticas, conforme assinala Aderaldo Castelo, a corporeidade, a celebração, a pertença e o potencial para a transgressão dão a tônica deste dossiê, em consonância com a perspectiva modernista e os estudos de performance.

Os ensaios deste número contêm uma rica análise das formas contemporâneas de ação sobre a realidade e o ser humano na América, a partir de reflexões sobre a ideia de modernidade e o pensamento moderno. Os ensaios compartilham uma visão do sul ao norte da América onde a importância de transformar, por meio da modernidade, uma realidade pensada e vivida como eixo estruturante da vida de mulheres e homens que usam e fazem próprios os espaços literários, cinematográficos, da performance e da cultura popular da América para questioná-la, vivê-la, pensar sobre ela e analisá-la de diferentes ângulos. A cultura popular torna-se rica nesse contexto de pensamento e ação pautado pela árdua reflexão sobre a modernidade entendida como o espaço próprio para o desenvolvimento do indivíduo autônomo na sociedade.

As proposições dos ensaios são surpreendentes pela capacidade de reconhecer como pensadores, artistas e distintos atores sociais, como as mulheres, imaginaram os cenários da modernidade, todos e todas também se tornam críticos de novos processos sociais e artísticos na cultura e na política latino-americanas.

A escrita e a representação feminina inauguram este dossiê, com as oportunas reflexões de Amanda dos Santos e Maria da Luz Sales. A partir da personagem Conceição, em “O Quinze”, de Rachel de Queiroz, a posição vanguardista da autora é assinalada ao representar a emancipação feminina que, no início do século XX, constitui-se integralmente em sua subjetividade independente da presença masculina, transgredindo normas e posicionando-se contrariamente aos preceitos de uma sociedade patriarcal e falocêntrica.

Na sequência, nos deparamos com o dilema entre a perda da tradição e o conflito da modernidade, analisado por meio da etnografia dos batuques. Trata-se do inspirador ensaio etnográfico de retomada da memória histórica pela etnóloga e cinegrafista Claudia Lora, que compartilha seu material etnográfico para compreender a importância da performance e da dança para patrimonializar o passado levado pela modernidade. A modernidade é então apresentada como constrictora da diversidade cultural e artística e das manifestações dos grupos menos representados nos Estados-Nação latino-americanos, como os afro-brasileiros. A memória se converte em resistência e, por sua vez, em novas formas de adaptação do pensamento moderno e contemporâneo. A cultura popular converte-se em acervo histórico e humanístico, nosso alcance à realidade passada e presente.

Como um *happening*, Enio Lacerda e Viviana Vermes trazem à cena composições de Aldir Blanc e João Bosco, gravadas por Elis Regina. Nesse caleidoscópio, voz, palavra e performance fundem elementos que potencializam relações discursivas e problematizam a complexa equação entre elementos verbais e musicais, planos sociais e ideológicos.

A arte da performance segue em cena. Fernanda dos Santos e Rafaela Scardino mergulham no universo ficcional chileno, a partir da prosa de Diamela Eltit, em meio ao contexto ditatorial. Problematizam, em época de privação de direitos civis, marcada pela ordem autoritária e pela censura, as estratégias narrativas desenvolvidas pela autora de Lumpérica. A subversão à forma tradicional foi o

caminho encontrado, em um flerte intenso com a arte performática, para evidenciar a situação de violência, terror e miséria que assolava o país.

Partindo da perspectiva performática, em diálogo com a literatura, o cinema mexicano entra em foco. O cinema mexicano projetou imagens da realidade moderna e da escrita ensaística na América Latina também alimentada pelos autores Ernesto Sábato e Jorge Luis Borges. Esses autores argentinos descobriram novas ferramentas para interpretar realidades sociopolíticas e econômicas, bem como o desenvolvimento de expressões artísticas que passaram por diferentes gêneros literários e, inclusive, pela reflexão crítica dos autores latino-americanos sobre si mesmos. Ernesto Sábato apresenta-se como um ávido escritor e leitor, mas também como um crítico literário que responde às questões iniciadas por Jorge Luis Borges, reflexões únicas sobre o pensamento humano sobre o que significa a condição humana e como a modernidade moldou essa mesma condição com base no pensamento do homem comum e do ser humano. Sábato expressa em um de seus livros, “La Resistencia” (2000), a importância de criticar a racionalidade e a lógica da ciência para compreender a própria vida, esta será a primeira linha de análise em uma relação complicada segundo as autoras Margarete Hülsendeger e Regina Kohlrusch. Um aspecto importante da modernidade é a reflexividade sobre o presente e o futuro, assim como a incerteza da marcha humana, isso será retratado por Borges e Sábato em um diálogo constante até nossos dias.

A partir de uma perspectiva voltada para a produção cultural latino-americana, a visão de *chicanos* e mexicanos-americanos em sua constante reformulação para compreender a realidade entre Modernismo e Colonialismo, na fórmula M/C, possibilitou a crítica do pensamento do Ocidente e das comunidades dominantes dos Estados Unidos, condenadas ao *telos* da modernidade: o progresso. A antropóloga e historiadora Paola Suárez dará o contexto sobre a identidade de mexicanos-americanos e *chicanos*, que vem sendo questionada por não empreender esse caminho para a modernidade e olhar o passado através da arte, da performance e do ativismo, que formulam a crítica

constante à nação estadunidense. Essa fórmula constante do pensamento dialético dos *chicanos* busca “*dar vuelta a la tortilla*”, como diria Justo S. Alarcón, editor de “*La Palabra: Revista de literatura chicana*”. A crítica dos *chicanos* também foi iniciada pelo movimento antropofágico no Brasil, sob o manifesto assumido por mulheres e homens, artistas como Tarsila de Amaral e Oswald Andrade, artistas brasileiros que darão conta da apropriação do estrangeiro para devorá-lo e digeri-lo em um processo de ação criativa que permitirá o hibridismo cultural, característica da cultura do Brasil, do México e dos *chicanos* nos Estados Unidos. A interculturalidade e a migração serão objetos de reflexão sobre como reconhecer a linguagem do outro e pensar os espaços marginais para a construção de uma cultura não hegemônica e não racializada. A racialização aparece aqui como um elemento fundamental que justifica a negação do acesso à modernidade para alguns grupos, como os *chicanos* e os mexicanos-americanos. A modernidade se mostra então como um espaço privativo e privado, de e para as classes hegemônicas de países como os Estados Unidos que não souberam adaptar novas formas de convivência e interculturalidade. O olhar do *outsider*, como se nomeia aquele que não pode jogar no campo porque é o estrangeiro, o migrante, o *pocho*, o *chicano*, será utilizado por grupos artísticos como a *Pocha Nostra* para questionar a transformação do indivíduo e conectar sua dimensão cívica e metafísica por meio de performances na modernidade, concebida e idealizada como projeto colonizador.

A visão contemporânea da modernidade a partir do Ocidente também será um ponto-chave para o estudioso da ciência política e das artes, Roberto Jones, que imagina e reflete sobre um mundo possível a partir de uma *tábula rasa*, ou mente em branco, ideia que permite criar novas realidades a partir da experimentação e do intelecto humano e da figuração da imaginação como ferramenta política multidisciplinar que transcende a própria modernidade em seus limites pensados pela Ciência Política. Nesse contexto, a história explicita a importância das formas e arquétipos de pensamento baseados em modos de

argumentação que permitem a variação do pensamento e a formulação de ideias. As narrativas em torno dessas dinâmicas da ação humana abrem espaço para novas narrativas que expressam a ruptura do Idealismo germânico com base no pensamento marxista. As nações imaginadas farão parte da institucionalização de nossas próprias imagens em comunhão e da nação moderna e contemporânea seguindo a abordagem de autores contemporâneos como Benedict Anderson. O mundo pós-moderno nos confrontará com novas ideias, como liminaridade, espaços intermediários e de transição, que ordenam a modernidade de forma diferente. O estudo de caso de dois grupos artísticos contemporâneos, um de dança e outro de música, expressa novas narrativas sobre a cultura popular e suas formas de criação de novos imaginários sociais no complexo contexto da revo(so)lução cultural do México, como expressa o grupo musical *Los Traficantes del Folk*.

Assim como na abertura deste Dossiê, fecha-se o ciclo com a representação feminina latino-americana. As mulheres aparecem como atores importantes na configuração de uma nova vida moderna, como é o caso de María Félix, a diva do cinema mexicano retratada pela historiadora Virginia Ávila, que descobre, por meio do estudo da biografia da atriz mexicana, a importância de a transformação das mulheres em um mundo que ainda não compreende a ação das mulheres livres por sua própria ação e prática artística em meados do século XX. As perguntas acertadas sobre a vida de María la Bonita, serão importantes para compreender as imagens da nova mulher, que goza do sucesso e da liberdade de viver em busca da nova feminilidade na cultura moderna da América Latina. Mulheres do México pós-revolucionário, mulheres do nosso tempo que dedicaram sua força e energia para construir, em relação aos homens, um imaginário social pós-revolucionário que será retratado e concebido através do carisma de homens e mulheres da época que dedicaram suas vidas ao cinema como espaço de pensamento de vanguarda no ambiente de uma economia em desenvolvimento na América Latina e da hegemonia dos Estados Unidos. A modernidade situada como um conceito do século XVI será

fundamental para pensar as sociedades latino-americanas baseadas no progresso, tendo a liberdade como meta, com o objetivo de descobrir as novas capacidades de sujeitos autônomos, com possibilidade de decisão e trabalho, fontes de criatividade humana.

Completam o volume as contribuições da seção “Clipe”, que agrega textos diversos dentro da área dos Estudos Literários.

A atualidade destes ensaios permite-nos refletir novamente sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade com a modernidade como espaço constritor e desenhador de ideias, que serão confrontadas e modeladas por diferentes grupos e coletivos humanos a partir da diversidade de práticas artísticas e culturais, da América do Norte à América do Sul desde a segunda década do século XX até os dias atuais. As mulheres e os homens garantem o espaço de ação no contexto de nossa América.

10

Michele Freire Schiffler  
(Universidade Federal do Espírito Santo - UFES)

Paola Suárez Ávila  
(Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM)